

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL –
IPHAN - RS

Fortificação de Jaguarão

Transcrição de parte da documentação constante no Fundo Obras Públicas do Arquivo
Histórico do Rio Grande do Sul

Márcia Pereira das Neves
Estagiária de História
Orientadora: Beatriz Muniz Freire
Historiadora

Porto Alegre, agosto de 2009.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
OBRAS PÚBLICAS 1845	5
FORTIFICAÇÃO DO SERRITO DE JAGUARÃO.....	5
<i>Planta de reconhecimento da Vila de Jaguarão</i>	<i>7</i>
<i>Gizamento da Fortificação de Jaguarão.....</i>	<i>8</i>
<i>Cópia de ofício sobre a Fortificação.....</i>	<i>8</i>
<i>Orçamento para a obra da Fortificação.....</i>	<i>10</i>
<i>Cópia de ofício sobre oferecimento de material para a mesma obra</i>	<i>11</i>
<i>Cópia de ofícios sobre a Fortificação</i>	<i>12</i>
RELATÓRIO DE OBRAS: JUNHO DE 1845	13
RELATÓRIO DE OBRAS: JULHO DE 1845.....	14
<i>Perfil do Entrincheiramento.....</i>	<i>16</i>
RELATÓRIO DE OBRAS: AGOSTO DE 1845	17
RELATÓRIO DE OBRAS: OUTUBRO DE 1845	18
OBRAS PÚBLICAS 1846	21
RELATÓRIO DE OBRAS: AGOSTO DE 1846	21
RELATÓRIO DE OBRAS: NOVEMBRO DE 1846.....	22
OBRAS PÚBLICAS 1847	24
RELATÓRIO DE OBRAS: JULHO, AGOSTO E SETEMBRO DE 1847	24
<i>Ferramentas Estragadas</i>	<i>29</i>
OBRAS PÚBLICAS 1848	30
FOLHA DE DESPESAS	30

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta de forma simples, apenas a transcrição de diversos documentos sobre a Fortificação localizada no Município de Jaguarão, que começara a ser construída na metade da década de 1840. A referência a tal construção, constante no livro *Gente e Coisas da Fronteira Sul*¹ de Sérgio da Costa Franco, dirigiu-nos ao acervo do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs), localizado no Memorial do Estado, local que abriga vasta documentação sobre as obras públicas do RS.

Entre os meses de abril e maio de 2009, estive no AHRs, transcrevendo tais documentos referentes à construção da Fortificação, que pudessem trazer dados pertinentes para uma futura escavação arqueológica. Desta forma, optei por transcrever os *Relatórios de Obras*, que, segundo o Deputado Engenheiro na Repartição do Quartel, Alexandre de Carvalho, deveriam ser encaminhados um por mês, pelo Tenente Mariz, engenheiro provavelmente responsável pela obra, informando em que condições se encontrava a construção. Minha opção se deveu à descrição detalhada que aparece na maioria destes relatórios, a saber, a profundidade das valas cavadas, as medidas das benfeitorias, os materiais e as ferramentas utilizados na construção, trazendo até mesmo detalhes sobre o desgaste dos mesmos.

Esta opção na pesquisa possui uma exceção, a primeira lista de documentos, de 1845, onde foram copiados, além do relatório, ofícios, listagens de materiais referentes à obra, etc., por serem importantes no entendimento das relações de hierarquia estabelecidas, bem como dos cargos investidos para a construção da Fortificação. Além disso, o primeiro ofício possui uma importante descrição do Forte. Tal documento também cita a existência de uma planta da Fortificação (*Gizamento do Forte*), que consta na listagem do Maço nº 2, do Fundo Obras Públicas, mas que não está no mesmo. Este incidente foi comunicado aos funcionários do Arquivo, que não encontraram o documento. Desta forma, a única planta que consta neste trabalho é a da Vila de Jaguarão, que foi fotografada e está no CD anexo.

¹ FRANCO, Sérgio da Costa. *Gente e Coisas da Fronteira Sul: ensaios históricos*. Porto Alegre: Sulina, 2001. 192 p.

Os mapas das obras, citados em diversos relatórios, na verdade, dizem respeito a uma listagem dos nomes dos soldados que trabalharam nas mesmas (de acordo com os dias do mês em que desenvolveram suas tarefas, e seus respectivos salários) e, portanto, não foram transcritos. Foram escritas entre colchetes a numeração das folhas dos maços (pelo fato de serem feitas a lápis, provavelmente após a redação dos documentos) localizada no início de cada documento transcrito, assim como as palavras de difícil entendimento de caligrafia constantes nos textos.

A delimitação de tempo desta pesquisa é de 1845, quando a construção do Forte iniciou, até o ano de 1848. Posterior a isso, pelo instrumento de busca do dito Fundo, não foram encontrados mais documentos sobre a construção, até o ano de 1860, inclusive, portanto não foi procurado além desta data. Como exceção, há um ofício de 1853, que somente cita o “quartel de Jaguarão”, sem sequer referir-se às obras. Tal ofício reclamava da falta de papéis para se desenhar plantas, a fim de que o encarregado das construções militares remetesse aos seus superiores dados das obras que supervisionava.

Toda a documentação aqui pesquisada e (em parte) transcrita está localizada no *Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul* (AHRs); Fundo: Obras Públicas; Maços: 2 (1844 a 1847) e 3 (a partir de 1848).

OBRAS PÚBLICAS 1845

FORTIFICAÇÃO DO SERRITO DE JAGUARÃO

“[174]

N.º 4

Ilmo. Excelentíssimo Senhor

Está intimamente cumprido tudo quanto VOSSA EXCELÊNCIA me ordenou em seu Ofício de 7 de maio presente passado. Do desempenho que dei à Comissão que constitui a 1ª parte já VOSSA EXCELÊNCIA está ciente pelo meu ofício de 28 do dito mês, resta-me portanto dar conta da outra Comissão, que faz o objeto da 2.ª e última parte daquele citado ofício, o que agora passo a executar.

A minha partida da cidade de Pelotas não pode ter lugar a 30 de maio como intencionava e presumia VOSSA EXCELÊNCIA, e sim no dia 2 do mês findo, cheguei a Jaguarão a 4 à noite, e no dia imediato dei princípio aos meus trabalhos.

Depois de reconhecer a Fortificação ali feita, o terreno adjacente à Vila levantei a planta de reconhecimento a este junta sob n.º 4, pela qual será VOSSA EXCELÊNCIA a configuração do Rio, sua largura (93 braças em frente à Vila), situação da Vila, e dos dois Cerritos, e a distância daquela ao mais importante destes (600 braças).

Efetuada o reconhecimento, projetei e demarqueei na chapa do indicado Cerrito a Fortificação delineada na Estampa sob n.º2, constante de planta e perfil: sua figura é de um polígono hexagonal regular abaluartado, capaz de ter por guarnição um Batalhão de Fuzileiros e uma Companhia de Artilharia que sirva a 6 canhões de calibre 18. Para execução do Projeto dei ao 1º Tenente João Pedro de Gusmão e Vasconcellos Mariz, as instruções convenientes que submeto ao conhecimento de VOSSA EXCELÊNCIA na cópia sob n.º3, às quais acrescentei o aditamento sob o n.º4. Não faço aqui especial menção das vantagens absolutas do ponto que VOSSA EXCELÊNCIA mandou fortificar porque tenho para mim que a ordem de VOSSA EXCELÊNCIA é certamente o resultado do conhecimento da sua importância, limitar-me-ei portanto a declarar a VOSSA EXCELÊNCIA que julguei preferível dentre os dois Cerritos aquele que escolhi para assento da fortificação, por ser o mais dominante e próximo da Vila, das estradas que dela partem, do Rio, e conseqüentemente da sua margem oposta; além disto tem a seu favor não pequeno comandamento sobre o outro.

O Cerrito que chamarei – do Forte – está desembaraçado de obras ou propriedades particulares em toda a sua extensão; o mesmo, porém, não sucede ao outro onde existem as três propriedades figuradas na planta n.º1; a respeito parece-me dever ponderar à VOSSA EXCELÊNCIA, a conveniência de ordens impositivas à respectiva Câmara Municipal proibindo a ocupação dos dois Cerritos e da canhada que os liga, porque semelhante espaço fica dentro da esfera de atividade do fuzil. Também é meu parecer que o Cerrito inferior seja coroado de uma obra ligeira e subordinada ao Forte, para evitar ocupação estranha ou inimiga que porventura seja tentada em qualquer tempo.

Atendendo à restrita economia que VOSSA EXCELÊNCIA me recomendou, ordenei ao tenente [174a] Mariz que construísse as muralhas do revestimento do fosso de pedra d'alvenaria em razão de haver ali no próprio Cerrito uma quantidade prodigiosa desta espécie, e que empregasse barro para a confecção d'argamassa de toda a obra; porém julgo dever ponderar a VOSSA EXCELÊNCIA que se na composição d'argamassa entrasse ao menos uma parte de cal a duração e a consistência das muralhas subirão a um valor muito maior.

Em virtude da autorização que VOSSA EXCELÊNCIA me conferiu, mandei comprar no mercado da Vila de Jaguarão a ferramenta e miudezas constantes do pedido aqui junto sob n.º5 cuja despesa importou em 231\$140 reis. Não hesitei nesta compra tanto pela imediata necessidade de tais artigos, como porque seus preços são pouco acima dos da Cidade do Rio Grande.

Fiz compreender aos habitantes da Vila de Jaguarão a importância da nova Fortificação e os bens que dali provinham, entre os quais enumerei a segurança de suas propriedades e pessoas, e é para mim um lisonjeiro dever trazer a presença de VOSSA EXCELÊNCIA os nomes e as quantidades de tijolo com que espontaneamente se prestaram muitos destes cidadãos a favor da construção das muralhas do parapeito: a cópia sob n.º6 apresenta com os respectivos nomes a soma de 44.000 tijolos; e tenho fundadas esperanças de que este número há de subir muito: e tanto foi a satisfação que produziu a deliberação da VOSSA EXCELÊNCIA que se alguma eventualidade não fizer parar a obra começada em breve aparecerão maiores e mais rareadas ofertas que lhe darão valioso incremento.

Tendo assim relatado quanto me ocorre de essencial acerca da obra projetada, passo a tratar da Fortificação existente e das modificações que detalhei. Consiste a Fortificação em um Reduto retangular de 133 sobre 126 palmos de faces, colocada na parte média do

perímetro da Vila, do lado da campanha, em uma circunvalação que se apóia no mesmo Reduto e envolve o povoado. A circunvalação será substituída pela forma indicada nas citadas Instruções sob n.º3 em razão de que a atual além de constringer a população por estar muito imediata tem um fosso tão estreito e superficial que mais parece um simulacro do que uma realidade de defensor; e o Reduto cumpre que desapareça em tempo competente porquanto sua fórmula, construção, e disposição local são o pior possível, todavia mandei conserva-lo por ora, porque vale mais que nada. A nova linha tem de abranger um espaço muito maior e de aproveitar alturas e salientes que se prestam vantajosamente à defesa.

Resta-me finalmente por na presença de VOSSA EXCELENCIA sob n.ºs 7 e 8 as cópias dos ofícios que dirigi em datas de 5 e 13 do mês no Coletor, e ao Comandante da [Guarda] da Vila de Jaguarão; a este sobre a coadjuvação que deve prestar ao Tenente Mariz, a fim de que ele pudesse bem desempenhar a Comissão de que passava a ficar encarregado; e aquele transmitindo a ordem que a VOSSA EXCELENCIA me autorizou a dar-lhe de abonar mensalmente ao predito Tenente Mariz, os seus vencimentos de soldos e gratificações.

Terminei estes trabalhos a 16 e parti de Jaguarão embarcado, no dia 17 do mês findo, e poderia achar-me nesta Capital a mais dias se não fosse demorado em meu regresso pela contrariedade de ventos, inevitáveis demora, mudanças e espera de transportes.

Deus guarde a VOSSA EXCELENCIA. Leal e Valorosa Cidade de Porto Alegre,
11 de julho de 1845.

Ilmo. Excelentíssimo Senhor General Conde de Caxias
Presidente desta Província e Comandante em Chefe do Exército

Alexandre Manoel Albino de Carvalho
Deputado do Quartel e Mestre General”

Planta de reconhecimento da Vila de Jaguarão

Foi fotografada e consta no CD anexo.

Gizamento da Fortificação de Jaguarão

Não foi encontrado no Arquivo.

Cópia de ofício sobre a Fortificação

“[174d]

Cópia = Ilmo. Sr. = Tendo eu já designado a Vossa Senhoria local em que se deve levantar a nova fortificação na sumidade do cerrito próximo à dita Vila, e dela distante (o centro) 600 braços a rumo de noroeste ; temos como praticado a medição e demarcação da figura do Forte projetado, que é a de um polígono hexagonal regular abaluartado inscrito numa circunferência de 116 braças de diâmetro cujos detalhes constam da planta e perfil a este juntas; cumpre a V. S., empregando a gente, ferramenta, e [guarda] que ficam à sua disposição, dê princípio à indicada obra imediatamente.

V. S. de pedra as muralhas da escarpa e contra escarpa, e o fundo do poço da que existe no mesmo cerrito, e de tijolo as do parapeito, terraplanos, e banquetas, empregando para este fim aquilo que tem oferecido os cidadãos residentes nessa Vila (que já sobe a 44.000); assentando em argamassa de barro tanto a pedra quanto o tijolo: no caso, porém, que não argumente semelhante oferta e lhe venha a faltar deste material V. S. estabelecerá uma meria elaborada por soldados ou mandará trabalhar n’alguma particular, como melhor convier.

Ao ângulo flanqueado de cada baluarte fará V. S. corresponder um terraplano onde possa jogar livremente um canhão de grosso calibre e ao desenvolvimento geral do parapeito a competente banquetta para infantaria.

A construção deve principiar pelas tenalhas fronteiras ao outro cerrito e à volta do Rio em frente a Vila, as quais igualmente jogam para além da margem do Estado Oriental.

Simultaneamente com a construção do Forte, mandará V. S. abrir a nova circunvalação da Vila, com o argumento e modificações que lhe indiquei no terreno; isto é: começará partindo da margem esquerda do rio obra de uma quadra abaixo da Vila, por fora da sanga que ali deságua; aproveitará todo o valo de oeste do quintal da Preta Joana, da extremidade oeste, cortando a estrada, seguirá ao valo de leste do quintal da viúva do Major Felipe; do fim do qual passará ao valo que envolve a casa de Catharina Maria de Jesus; desta continuará para o lado da campanha direito à casa da Preta Angélica, e

seguindo os respectivos cercados e valos exteriores a encontrar com o da viúva Constansa, contará com a porção deste que envolve a casa até o saliente de N__N__O.; dali tomará direito ao saliente mais avançado do muro de pedra do porteiro dos herdeiros do finado Miguel Machado da Costa; continuará pelo muro exterior e unirá sua extremidade com o valo de Delfina Roshana; fechará a passagem ora existente entre este último valo e a olaria de Liodorio Machado Marques (deixando uma porta para serventia pública); e finalmente daqui, aproveitando o antigo valo que lhe fica próximo, cortará direito ao rio em rumo aproximadamente paralelo ao das ruas que desembocam no mesmo rio. Nos mais extensos ramais formará V. S. alguns engenhos que produzirão cruzamento de fogos.

Não será mister recomendar à V. S. que a circunvalação atual só deverá ser desfeita depois de ultimada a nova, e mesmo depois disto continuarão a subsistir o reduto que tem, até que a obra do Forte ofereça proporções de defesa.

Continuarão a haver três portas na circunvalação, sobre os mesmos lados em que ora existem.

De Porto Alegre remeterei a V. S. o Projeto dos Quartéis do Forte, que agora não deixo, não só por falta de tempo, como porque preciso esclarecimentos de Sua Excelência o Senhor General Conde de Caxias a Respeito.

Deus Guarde a V. S.

Vila de Jaguarão, 15 de junho de 1845 = Ilmo. Sr. João Pedro de Gusmão Vasconcellos Mariz, 1º Tenente General do Imperial Corpo de Engenheiros = Alexandre Manoel Albino de Carvalho, Deputado Quartel Mestre General. Conforme, [assinatura].

N. 4

Ilmo. Sr. = Em aditamento ao meu ofício de hoje tenho a ordenar a V. S. que deve formular no dia 1º de cada mês um relatório dos trabalhos a seu cargo praticados no mês antecedente e remeter-mo, sem perda de tempo, a fim de ser presente a Sua Excelência o Sr. General Conde de Caxias presidente na província e Comandante em Chefe do exército, a marcha e progresso da Fortificação deste Ponto em que ele muito se interessa.

Deus guarde V. S.

Vila de Jaguarão, 15 de junho de 1845. = Ilmo. Sr. João Pedro de Gusmão Vasconcellos Mariz, 1º Tenente General do Imperial Corpo de Engenheiros = Alexandre Manoel Albino de Carvalho, Deputado Quartel Mestre General. Conforme, [assinatura].”

Orçamento para a obra da Fortificação

“N. 5

[174e]

Ficou tudo comprado e pago pela coletoria importando em 281\$140.

Alexandre Manoel Albino de Carvalho, Deputado Quartel Mestre General.

Precisa-se para construção da obra da fortificação da Vila do Jaguarão o seguinte:

40	Enxadas
40	Pás
6	alavancas
2	Cavadeiras grandes
6	Alviões
4	Foices de roça
6	Machados
1	Serra
2	Formões largos
1	Dito estreito
1	Travadeira
1	Compasso
1	Plaina dobrada
1	Martelo grande
1	Dito pequeno
1	Lima de três quinas
1	Verruma de caverna
	Dita dita caibral
	Dita dita pau-a-pique
	Dita dita caixas
	Dita dita vipar
	Dita dita faiar
1	Pedra de amolar
6	Colheres de pedreiro
6	Torquezes de dito
3	Prumos

- 3 Maços de corda de barquinha
- 6 Martelos de pedreiro
- 4 Peças de corda de pedreiro
- 1 Maço de cordel de carpinteiro
- 6 facas com cabos de pau

Segue

- 2 Enxós de fuzil
- 1 Dúzia de taboas para pavioas, carrinhos de mão, trolhas e mestras

Jaguarão, 6 de junho de 1845.

João Pedro de Gusmão Vasconcellos Mariz, 1º Tenente Graduado de Engenheiros e
Encarregado da Fortificação”

Cópia de ofício sobre oferecimento de material para a mesma obra

“[174f]

Cópia.

N. 6

Os cidadãos abaixo assinados moradores da Vila de Jaguarão e seus arrabaldes, oferecem para a construção do Forte, que por ordem de Sua Excelência o Senhor Conde de Caxias Presidente da Província e comandante em Chefe do Exército, se vai levantar no cerrito próximo a mesma Vila e seguinte contribuição.

Vila de Jaguarão, 10 de junho de 1845 = 5000 tijolos postos no Cerrito da Fortaleza:
Francisco José Gonçalves da Silva = 5000 tijolos postos no mesmo lugar = Maros José de Leivas = 500 tijolos Inácio dos Santos = 500 tijolos postos no mesmo lugar Liadório Machado Marques = 600 tijolos até o fim da obra José Fernandes passos = 1000 tijolos postos no lugar da obra Antônio Carlos Ferreira Soares = 600 tijolos Manoel de Brum da Silveira = 5000 tijolos [prontos] no lugar. Theodoro Teixeira de Melo = 2000 tijolos postos no lugar. M. F. Moreira = 3000 tijolos Manoel Bernardino Soares = Francisco José Gonçalves da Silva. Conforme [assinatura]

Alexandre Manoel Albino de Carvalho, Deputado Quartel Mestre General.”

Cópia de ofícios sobre a Fortificação

“[174g]

Cópia

Ilmo. Sr.

N. 7

Sua excelência o Sr. General Conde de Caxias, Presidente da Província e Comandante em Chefe do Exército, me autorizou, no momento de partir para este Ponto, para ordenar em seu nome a V. S. que abone mensalmente ao 1º Tenente General do Imperial Corpo dos Engenheiros João Pedro de Gusmão e Vasconcellos Mariz, os seus vencimentos de soldo e gratificações, cujos recibos V. S. enviará regularmente para Porto Alegre junto com a Folha das despesas pelo mesmo Tenente apresentada em iguais períodos, na conformidade das disposições do mesmo excelentíssimo Sr. Expressas na portaria redigida a V. S. em data de 7 de maio presente passado.

Deus guarde a Vossa Senhoria.

Vila de Jaguarão, 5 de junho de 1845 = Ilmo Sr. Libario Teixeira de Gouveia, Coletor desta Vila = Alexandre Manoel Albino de Carvalho, Deputado do Quartel Mestre General do Exército.

Conforme, Alexandre Manoel Albino de Carvalho, Deputado Quartel Mestre General.”

“[174i]

Cópia:

N. 8

Ilmo. Sr.

Achando-se já instruído das obras de Fortificação que deve praticar aqui o 1º Tenente Graduado do Imperial Corpo de Engenheiros João Pedro de Gusmão e Vasconcellos Mariz, ordena Sua Excelência o Senhor General Conde de Caxias Presidente da Província e Comandante em Chefe do Exército que V. S. preste a este oficial as praças de que trata o ofício expedido pela Repartição do Ajuante General em 7 de maio p. p., e que satisfaçam as suas requisições tendentes ao bom desempenho da Comissão de que ele fica encarregado.

Deus Guarde a Vossa Senhoria.

Vila de Jaguarão, 13 de junho de 1845 = Ilmo Sr. Major Domingos José da Costa Pereira, Comandante da Guarnição desta Vila = Alexandre Manoel Albino de Carvalho, Deputado do Quartel Mestre General do Exército.

Conforme, Alexandre Manoel Albino de Carvalho, Deputado Quartel Mestre General.”

RELATÓRIO DE OBRAS: JUNHO DE 1845

“[319/1]

Relatório dos trabalhos praticados na Fortificação desta Vila desde 17 até 30 de junho corrente ano.

No dia 17 corrente tomei conta da obra, achando-se fincadas as estacas em as extremidades dos lados do hexágono, no centro, e nas capitais dos seis baluartes, e desde este dia comecei a marcar sobre o terreno as magistrais do projeto, mandando abrir as competentes sarjetas, finalizei este traço no dia 21, e a 22 marquei em as tenalhas fronteiras ao outro cerrito, e à volta do rio enfrente à Vila (por onde devo começar a obra, conforme as instruções dadas pelo Major Deputado Quartel Mestre General) a linha da contra-escarpa, e mandei principiar a aprofundar o fosso. O qual atualmente apenas tem dois palmos abaixo da Superfície, em consequência do terreno ter só uma camada de terra de meio palmo de espessura e depois aparecem grandes lagedos, que com bastante dificuldade se quebram.

Não dei ainda começo ao revestimento do parapeito por não ter tijolos, não obstante tê-los solicitados de todas as pessoas, que subscreveram, e só neste mês é que me prometeram, alguns dos subscritores, mandarem as seguintes porções; Francisco José Gonçalves 2000. Teodoro Teixeira de Melo 1000, José Fernandes dos Passos 1000, Marcos José de Leivas 5000, Liadoro Machado Marques 500, somando tudo 5000; e tenciono logo que me chegue alguma porção dar começo ao dito revestimento.

Têm trabalhado na faxina 50 praças, achando-se além destas, três carpinteiros empregados em aprontarem alguns objetos precisos para a obra, como carrinhos de mão, paviolas, cabos de enxadas.

No dia 25 requisitei do Comandante da guarnição que mandasse algumas praças cortar madeira nos matos de José Dutra, distante da Vila três léguas e meia, (depois de ter obtido licença para tal fim, a qual ele de muito boa vontade concedeu) e no dia 28 chegou a diligência, que foi de 20 praças, e um oficial, tendo cortado a seguinte porção: 300 caibros, 20 comieiras, 22 forquilhas, 33 varas e 20 freixas; agora estou diligenciando carretas para a condução da dita madeira para a Vila, e logo que chegue tenciono fazer na Fortificação um barracão, não só para a guarda, como para recolher a feramenta, e a gente da faxina quando chover.

Já principiei a marcar a nova circunvalação, a fim de a mandar abrir simultaneamente com a construção do Forte.

Os seguintes moradores desta Vila ofereceram para o serviço da Fortificação algumas carretas; Manoel Cardozo Brum uma, Antônio Gonçalves de medeiros, uma, e Joaquim Ferreira Porto uma.

O comandante da guarnição tem se prestado à todas as requisições que lhe tenho feito com a maior prontidão profissional.

Nada mais tem ocorrido durante o mês próximo passado.

Jaguarão, 1º de julho de 1845.

João Pedro Gusmão Vasconcelos Mariz

1º Tenente Graduado do Imperial Corpo de Engenheiros da Fortificação desta Vila”

RELATÓRIO DE OBRAS: JULHO DE 1845

“[191a]

Relatório dos Trabalhos Praticados na Fortificação desta Vila em o mês de julho do corrente ano.

Continuei a mandar aprofundar o fosso na obra da Fortificação do cerrito (e já se tinha tirado bastante pedra) até o dia 14 do mês próximo passado, no qual recebi um ofício do Ilustríssimo Senhor Barão de Jacuhy Comandante desta Fronteira, comunicando-me de ordem de Sua Excelência o Sr. Conde de Caxias Presidente da Província e General em Chefe do Exército, que mandasse sustar a dita obra até novas determinações do mesmo Excelentíssimo Sr., e imediatamente dei cumprimento à referida ordem, remetendo uma

cópia ao Ilustríssimo Sr. Deputado Quartel Mestre General; tinha empregado naquele serviço 37 praças compreendendo quatro pedreiros e três carpinteiros, e vinte no entrincheiramento. Do dia 15 em diante deixei no cerrito os três carpinteiros e mais dez praças para começarem o barracão (em consequência de me ter chegado a madeira, que eu esperava, e que veio do modo seguinte, em uma carreta com bois de Francisco José Gonçalves da Silva, em outra dita com ditos de José Joaquim Gomes da Persincola, que deu dois caminhos, e uma dita de Manoel Furtado, com bois de Hylário Amaro da Silveira, estes moradores se prestarão a este serviço gratuitamente) que tem 60 palmos de frente, e 12 de fundo, e falta cobri-lo, e barriá-lo, tendo tido alguma dificuldade em alcançar palha, porque o lugar, onde existe se acha bastante alagado; as outras quarenta e quatro praças mandei-as trabalhar no entrincheiramento, o fosso do qual já tem dois palmos de profundidade e vinte e três braças de comprimento, e o parapeito já se acha revestido desde a berma até a crista exterior no comprimento de sete braças e meia, e não se tem podido adiantar mais em consequência do mau tempo.

Não tinha dado começo ao revestimento do parapeito da Fortificação do cerrito, porque tinha recebido poucos tijolos, pois José Fernandes do Passos mandou trezentos e quatro, e Teodoro Teixeira oitocentos e sessenta, somando mil cento e sessenta e quatro, quanto aos outros subscritores não tem mandado, não obstante ter-lhe pedido. Tenho tido cinqüenta e sete praças para a faxina entrando neste número quatro pedreiros e três carpinteiros, porém no dia 20 do mês passado em diante o Comandante da guarnição deixou de me mandar dois pedreiros e dois carpinteiros, por se acharem empregados em fazerem alguns concertos em uma casa, que deve servir para quartel da polícia desta Vila.

Nos dias 19, 23, 25 e 31 não houve faxina, no primeiro e quarto por chover muito, no segundo por ser dia de gala, e no terceiro dia santo. Existe ainda uma pequena porção de madeira cortada no mato de José Dutra, a qual não pude mandar buscar por não ter tido carretas, pois as pessoas a quem as tenho pedido me tem dito que os bois não estão em estado de ir ao dito mato, que é daqui quatro léguas e pretendendo aluga-las me pediram um preço maior que o valor da mesma madeira, e julguei conveniente não fazer esta despesa, porque a que me veio chegou para o barracão, e agora não tenho urgente necessidade dela. Remeto a incluza cópia da Folha de Despesa feita em o mês de julho próximo passado, tendo entregado a original ao coletor desta Vila, conforme as ordens dadas a respeito.

O comandante da guarnição tem se prestado com bastante prontidão a todas as requisições que tenho feito para a obra. Remeto o perfil do entrincheiramento, quanto à planta não a mando por ora, por não ter tido tempo de a fazer, pois me é preciso estar todo dia na obra, a fim de se poder fazer alguma coisa, porque os soldados estão pouco práticos em o corte dos tijolos de leiva, e os pedreiros no revestimento do parapeito.

Nada mais ocorreu durante o mês próximo passado.

Jaguarão, 1º de agosto de 1845.

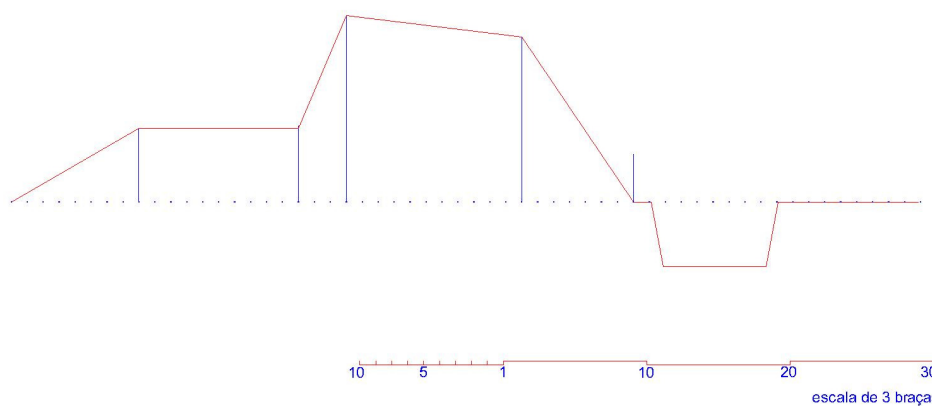
João Pedro Gusmão Vasconcelos Mariz

1º Tenente Graduado do Imperial Corpo de Engenheiros Encarregado da Fortificação”

Perfil do Entrincheiramento

[191b] [320/1a]

“Perfil do Entrincheiramento da Vila de Jaguarão que se está construindo



João Pedro Gusmão Vasconcelos Mariz, 1º Tenente Graduado do Corpo de Engenheiros”

RELATÓRIO DE OBRAS: AGOSTO DE 1845

“[322]

Relatórios dos trabalhos praticados na Fortificação desta Vila em o mês de agosto do corrente ano.

No dia 15 do mês próximo passado mandei continuar a obra da Fortificação do cerrito em consequência da ordem que recebi de Sua Excelência o Sr. General Conde de Caxias Presidente da Província e Comandante em Chefe do Exército, a qual me foi comunicada em ofício, que me dirigiu o Sr. Major João Luiz de Abreu e Silva Encarregado da Repartição do Quartel Mestre General datado de 26 de julho do corrente ano, e empreguei naquele serviço trinta praças, as quais têm continuado a aprofundar o fosso do baluarte, por onde comecei a obra, a qual em um flanco, e em parte da cortina já tem cinco palmos de profundidade, não tendo podido adiantar mais porque é um rochedo muito duro, e que com dificuldade se quebra, e como somente o trabalho de alavanca é bastante moroso tenciono empregar a pólvora, pois existem dois soldados neste destacamento que já trabalharam em pedreira, cujo fim mandei aprontar os necessários instrumentos, que contam de uma broca e uma vareta, e não dei ainda começo ao revestimento do parapeito porque só tenho mil cento e sessenta e quatro tijolos, que não são de muito boa qualidade e as pessoas que subscreveram não tem continuado porque as olarias não me tem podido trabalhar por causa do mau tempo, e só começarão os seus trabalhos em o mês de outubro, que é quando também tenciono estabelecer aquela pra que tive ordem do Sr. Major de Engenheiros Deputado do Quartel Mestre General Alexandre Manoel Albino de Carvalho, datada de 15 de junho do corrente ano, visto que nenhuma das pessoas, que tem olaria nesta Vila, e seus subúrbio querer fazer trato algum comigo sobre este objeto. O barracão, que mandei fazer no cerrito ainda não pude mandar cobrir porque o lugar, onde se corta palha se acha alagado. Mandei trabalhar no entrincheiramento vinte praças, tendo além destas dois pedreiros, que revestem o parapeito, os quais continuam a aprofundar o fosso o qual já tem quarenta praças de comprimento, achando-se dezesseis com a profundidade de nove palmos, e vinte e quatro com a de três palmos, e o parapeito também se acha revestido, na distância de dezesseis braças, desde a berma até a crista interior, e desta à banquetta, não tem podido adiantar mais por causa de alguns dias de muita chuva que tem

havido, nos quais não tenho mandado trabalhar, o que aconteceu em 14, 18 e 19 do mês passado. Os dois carpinteiros tenho-os empregados em preparar alguns objetos precisos para as olarias, como formas, carrinhos de mão. Tenho tido para a faxina cinquenta e quatro praças entrando neste número dois carpinteiros e dois pedreiros. O Sr. Major Comandante da guarnição desta Vila me disse que no sábado não podia dar gente para a faxina por ter reservado este dia para a revista e exercício do destacamento, tendo satisfeito com a maior prontidão todas as requisições que tenho feito. Os moradores desta Vila que tinham oferecido carretas para o serviço desta Fortificação, quando as tenho mandado pedir me tem dito que não podem mandar, a vista de que não posso contar com elas para o dito serviço. A pequena porção de madeira que existe cortada no mato de José Dutra não tem podido vir em consequência dos arroios não permitirem o trânsito de carretas. Não houve despesa alguma em o mês passado. Nada mais tem ocorrido em o mês de agosto.

Jaguarão, 1º de setembro de 1845.

João Pedro Gusmão Vasconcelos Mariz

1º Tenente Graduado do Imperial Corpo de Engenheiros Encarregado da Fortificação desta Vila”

RELATÓRIO DE OBRAS: OUTUBRO DE 1845

“Relatório dos trabalhos praticados nesta Vila em o mês d’outubro do corrente ano.

Em 20 do mês passado recebi ordem local do Ilmo. Sr. Coronel Comandante desta fronteira para arranjar ao [abarramentos] dos destacamentos de infantaria, de artilharia, e um barracão para servir de hospital, e no dia 21 mandei 10 praças com um inferior cortar madeira, e voltaram no dia 23 sem poder fazer coisa alguma em consequência de se achar o mato alagado, e tenciono mandar nova diligência logo que o tempo permita, destinei para o concerto do primeiro barracão do destacamento de infantaria oito praças não podendo fazer simultaneamente o da artilharia e o barracão por falta de gente suficiente. Tenho empregado na obra de fortificação do cerrito 26 soldados, os quais têm continuado a aprofundar o fosso no flanco, e parte da cortina, que já tem nove palmos de profundidade, do baluarte por onde começou e já tem tirado alguma porção de pedra empregando a broca, e pólvora, e tenciono mandar fazer mais duas, pois desta maneira se adianta mais o serviço;

a 11 alavancas que tinha acharam-se bastante arruinadas, e não se podiam concertar em consequência de não haver carvão de pedra nesta Vila, porém o comandante da barca de vapor, que trouxe o dito Ilmo. Sr. Coronel Comandante desta Fronteira me deu uma porção e imediatamente requisitei dois soldados ferreiros, que existem neste destacamento, e mandei consertar a ferramenta, mandando-os trabalhar em uma ferraria que aqui existe além de não ser dos melhores (pois quando lhe mandei consertar a primeira vez as 5 alavancas, logo se quebraram, assim como a broca, que fez que já foi preciso manda-la concertar) leva preços exorbitantes. Não tenho comprado mais alavancas nesta Vila, porque as que aqui existem à venda não só são muito caras, mas também o ferro não é de boa qualidade, e por isso estou à espera das que requisitei. O barracão que mandei aprontar no cerrito já se acha parte coberto, e com brevidade espero concluí-lo. Não dei ainda começo ao revestimento do parapeito porque as pessoas que subscreveram tijolos não têm mandado não obstante tê-los pedido. No entrincheiramento tenho empregado 24 praças, entrando três pedreiros, que se acham trabalhando no revestimento do parapeito, que já está pronto na distância de 50 braças, e o fosso tem-se continuado a aprofundar, e em parte já tem 10 palmos de profundidade. Na olaria tenho nove praças, as quais se têm empregado em deitar o barro no pisadouro e pretendo alugar águas para o pisar, a fim de principiar a fazer o adobe não só para o forno como também para as paredes do Hospital, poupando desta maneira alguma madeira que por aqui é muito escassa. Mandei fazer uma pequena barraca coberta de palha para guardar ferramenta. Também o dito Ilmo. Sr. Coronel me recomendou que mandasse consertar um reparo, o qual necessitava uma falca, e não achei madeira própria para esta obra. Do 1º até o 13 do corrente tive 70 praças para a faxina, de 13 até 21, cinqüenta, de 21 ao fim do mês, oitenta, entrando sempre no número das praças, que recebo quatro inferiores, 3 pedreiros, 2 carpinteiros, 2 ferreiros, um cavouqueiro, e em os dias que tenho menor número, faço diminuição dos que costume mandar para os diversos lugares, onde se trabalha. Não houve faxina nos dias 8 por chover muito, 15 por ser dia de gala, 20 por haver revista, 28 por ser dia santo dispensado.

A folha do mês passado importou em réis 39\$325, e remeto a inclusa cópia. O dito Ilmo. Sr. Coronel ordenou que se me desse um oficial para me ajudar na faxina, o Sr. Comandante da Guarnição mandou o Alferes Iguacu Clemente de Bittencourt Tourinho, o qual tem desempenhado tudo que lhe tenho incumbido com zelo e fidelidade, e inteligência. O mencionado Sr. Comandante da Guarnição tem satisfeito com a maior

prontidão à todas as requisições que tenho feito. Nada mais ocorreu em o mês próximo passado.

Vila de Jaguarão, 2 de novembro de 1845.

João Pedro Gusmão Vasconcelos Mariz

1º Tenente Graduado do Imperial Corpo de Engenheiros Encarregado da Fortificação desta
Vila”

OBRAS PÚBLICAS 1846

RELATÓRIO DE OBRAS: AGOSTO DE 1846

“Relatório dos trabalhos praticados nas obras militares desta Vila de que me acho encarregado em o mês de agosto do corrente ano

Tenho continuado a mandar aprofundar o fosso em os baluartes do Forte, até onde se encontra o lajeado, e não tenho mandado aprofundar em os lugares em que há pedra porque as doze alavancas não estão em estado de as poder quebrar por se acharem muito arruinadas, como já tenho feito ver em os outros relatórios as enxadas, pás, e picaretas, também se acham estragadas. Quanto a diligência, que o Ilmo. Sr. Comandante da Guarnição me dizia que mandava para o corte de madeira deixou de ir em vinte e quatro, e desde então se aumentou o número de praças da faxina como se verá no mapa incluso. Empreguei oito das ditas praças em consertar a barraca, que serve de ferraria, em cujo trabalho gastaram oito dias. Quanto a porção da madeira que se acha cortada e sua qualidade nada posso dizer, pois que os oficiais encarregados das diligências têm dado contas ao Ilmo. Sr. Comandante da Guarnição, quanto a condução da supradita madeira não é possível faze-la agora, pois os 14 bois que tenho não estão em estado de trabalharem e pelo rio não pode vir em consequência das enchentes. Quanto ao Hospital acha-se concluído conforme o projeto dado tendo-lhe feito as modificações interiores e a cozinha fora conforme me foi ordenado pelo Excelentíssimo Sr. Comandante d’Armas não os pude fazer por falta de madeiras, e tijolos conforme o que já mandei dizer, e hoje existe uma dificuldade ainda maior, que é a de não haver dinheiro disponível em as duas coletorias para as obras, de que me acho encarregado, pois o Coletor da Província me diz que não tem ordem alguma a meu respeito e o General, que não tem dinheiro disponível para as ditas obras. O meu ajudante continua a empregar-se no serviço com assiduidade.

Jaguarão, 1º de setembro de 1846.

João Pedro Gusmão Vasconcelos Mariz

1º Tenente Graduado do Imperial Corpo de Engenheiros da Fortificação desta Vila”

RELATÓRIO DE OBRAS: NOVEMBRO DE 1846

“Relatório dos trabalhos praticados nas obras militares a meu cargo em o mês de novembro de 1846

A obra do cerro tem continuado com bastante morosidade pela falta de objetos precisos para a mesma e não tenho podido continuar a mandar abrir brocas, em consequência de se ter acabado o carvão de pedra, e não poder mandar concertar a alavanca, com que o brouqueiro trabalha, e nem as outras, e tendo requisitado ao Capitão do Porto da Cidade de Rio Grande (conforme a ordem que recebi) este me respondeu que não o podia mandar sem que houvesse embarcação do Estado daquela Cidade para esta Vila, e como me consta que as canhoieras, que navegam desta Vila para Porto Alegre não passam pela dita Cidade, e que tão cedo não haverá embarcação do Estado para esta Vila, officiei ao Ilmo. Sr. Deputado Ajudante General, a fim de levar ao conhecimento do Ilmo. Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente da Província para dar providências para que esta remessa seja feita com a possível brevidade para não haver atraso no serviço quanto ao parapeito não o posso mandar revestir não só por não ter tijolo, como por me faltarem bons operários, pois os pedreiros dos dois batalhões, que aqui existem não são capazes para aquela obra.

Tendo-me ordenado o Ilmo. Sr. Comandante da Guarnição que mandasse fazer uma cozinha para o hospital, em consequência de se achar arruinada a que se fez (que foi de pau-a-pique) por causa das muitas chuvas, e não tendo tijolo, nem dinheiro para o comprar (visto que hoje não tenho quantia alguma à minha disposição, pois as duas coletorias, que aqui existem não tem ordem alguma a meu respeito) ajustei com um homem, que entende de olaria, [de argila], e dar as éguas para amassar o barro, sendo metade de cada fornada para ele, e outra metade para a Nação, e mandei fazer um pisadouro para o que pedi madeira a Vasco Teixeira, que a deu gratuitamente, e a mandei conduzir em um lanchão, e gastei quatro dúzias de taboas, e sete barrotes em assoalhos o dito pisadouro, e os pregos que foram precisos, os comprei a minha custa, para não atrasar o serviço, e pretendo também mandar fazer algum tijolo para a casa da pólvora para lhe dar começo logo que me chegue a ordem para a fazer, e tenha dinheiro para as despesas precisas e tenciono empregar algumas praças na olaria, e com quanto este serviço feito por

soldados, seja bastante vagaroso, contudo a Nação lucra por que nada despende. Tenho mandado aparelhar os barrotes, e taboa para assoalhar o hospital e acham-se empregados neste serviço quatro carpinteiros. Neste mês houve poucos dias de trabalho, conforme se vê no mapa, que remeto. Não posso dar mais adiantamento às obras, de que me acho encarregado pelos obstáculos que tenho expendido.

Em o princípio do mês, segui para Porto Alegre e de lá para a Corte o meu Ajudante, o 2º Tenente Antônio Pedro Monteiro de Drumond, em consequência de ter obtido licença do Governo Imperial.

Vila de Jaguarão, 1º de dezembro de 1846.

João Pedro Gusmão Vasconcelos Mariz

1º Tenente Graduado do Imperial Corpo de Engenheiros da Fortificação desta Vila”

OBRAS PÚBLICAS 1847

RELATÓRIO DE OBRAS: JULHO, AGOSTO E SETEMBRO DE 1847

“Relatório dos trabalhos praticados nas obras militares da Vila de Jaguarão, de que me acho encarregado desde o 1º de julho até 30 de setembro de 1847.

Obra da casa para depósito da pólvora

Em 16 de julho do corrente ano, recebi um ofício do Ilmo. Exmo. Sr. Presidente da Província de 30 de abril do mesmo ano, ordenando-me que desse começo ao paiol, gastando em sua construção uma quantia muito inferior à que eu tinha orçado, e que a despesa seria feita na Pagadoria Militar, a vista dos documentos que eu remetesse rubricado pelo Comandante da Guarnição, fazendo a dita obra com urgência, e economia, aproveitando o resto dos materiais do Quartel, que estava construindo para o 2º Batalhão de Fuzileiros, que o mesmo Senhor Comandante tinha oferecido em seu ofício de 19 de fevereiro do corrente ano, e imediatamente officiei ao dito Sr. Comandante da Guarnição, participando-lhe a ordem do Exmo. Sr. Presidente e ele me respondeu conforme a cópia do ofício nº1, em consequência do que officiei ao Exmo. Sr. Presidente participando-lhe que não podia dar execução ao que sua excelência me ordenara, pois que quando à brevidade, os operários, e fornecedores dos materiais não queriam esperar que o dinheiro viesse de Porto Alegre, exigindo serem pagos nesta Vila, e a respeito d'economia que não existiam materiais do resto da obra do Quartel do 2º Batalhão de Fuzileiros, conforme me participava o Ilmo. Sr. Tenente Coronel José dos Santos Pereira Comandante do mesmo batalhão em a cópia do ofício, que já referi. Recebi depois um outro ofício do mesmo Exmo. Sr. Presidente de 22 de junho do corrente ano participando-me que naquela data tinha expedido ordem ao Coletor das Rendas Gerais desta Vila para que satisfizesse as quantias que eu exigisse para a despesa das obras a meu cargo, à vista das férias que eu apresentasse rubricadas pelo Comandante da Guarnição, e tendo eu oficiado em 21 de julho do corrente ano ao dito coletor, exigindo que me declarasse se já tinha recebido a ordem para satisfazer-me as despesas das obras a meu cargo, este me respondeu conforme a cópia do ofício, nº 2, em consequência de que participei isto aos Exmos. Srs. Presidente e

Comandante das Armas, e Ilmo. Sr. Coronel Comandante da 2ª Brigada Vicente de Paula Oliveira Vilas Boas, fazendo-lhes ver que não podia dar começo à construção porque continuara a existir a impossibilidade dos operários, e fornecedores dos materiais serem pagos nesta Vila, e recebi em 22 de julho do corrente ano, o ofício do Ilmo. Sr. Coronel Comandante da 2ª Brigada cópia nº3, e a vista do que dei começo à supra dita construção em 24 de julho do corrente ano, reconhecendo todo o dinheiro preciso, para as despesas, do dito Ilmo. Sr. Coronel, o qual também me ordenou em seu ofício do 1º de agosto de 1847 que além da casa da guarda fizesse uma outra ao lado, e que agüentasse as dimensões do paiol ao que dei cumprimento, conforme se verá na nova planta, que remeto, nº 4², e fiz o dito paiol com trinta palmos de frente sobre 19 de fundo e dezoito d'alto, e duas casas, uma de cada lado, tendo cada uma 15 palmos de frente, e doze de fundo, e doze d'alto, toda esta construção foi feita de tijolos cozidos, no que gastei quinze milheiros, sendo o paiol de [soteo] e as duas casas de telha, nas quais gastei 550 telhas; tudo está rebocado de cal; quanto aos barrotes, e frechões, tabuas para as portas, e janelas gastei dos que tinham vindo de Porto Alegre; gastei também os 50 alqueires de cal que me restavam da obra do hospital, tendo comprado somente vinte e um alqueires. Como tive ordem para fazer uma despesa muito inferior à que eu havia orçado, e de combinação com o Ilmo. Sr. Coronel Comandante da 2ª Brigada fazer a dita construção com economia, e brevidade, assentamos que a única maneira que poderíamos executar esta ordem, era tomando um mestre pedreiro paisano, com o qual ajustei a obra de empreitada por 150\$000 réis moeda corrente, conforme o contrato junto, cópia nº 5, e o resto dos operários foram soldados, tendo se escolhido dos três batalhões 4º e 2º de Fuzileiros e 5º de Caçadores, que existem na Brigada, os melhores, e lhe marcamos as gratificações, tanto aos que têm ofício quanto aos que serviram de serventes, que se acham declarados nas férias juntas às cópias das folhas nº 1, 2, 3, 4, 5 e 6, tendo gasto em toda a obra a quantia que se acha declarada em o mapa nº 1. Em 21 de agosto do corrente ano se concluiu a mencionada obra, e com data de 7 de julho do corrente ano recebi um ofício do Inspetor da Tesouraria de Fazenda remetendo-me a ordem para o Coletor das Rendas Gerais desta Vila para satisfazer-me as despesas das obras a meu cargo cópia nº 6 (o qual imediatamente entreguei) e logo recebi a quantia que tinha gasto na referida obra, e satisfiz ao Ilmo. Sr. Coronel Comandante da 2ª Brigada, o que ele havia despendido, entregando ao dito Coletor as folhas com os competentes

² Este documento é o único dos citados neste relatório que não se encontra anexo ao mesmo, nem no maço n. 2, das Obras Públicas.

documentos por mim assinados, e rubricados pelo referido Ilmo. Sr. Coronel, de que remeto as cópias nº 1, 2, 3, 4, 5 e 6 tendo igualmente recebido um ofício do Ilmo. Exmo. Sr. Presidente datado de 19 de julho do corrente ano, remetendo-me a cópia da ordem, que expediu a tesouraria para mandar-me abonar as despesas das obras a meu cargo pela Coletoria, datada de 22 de junho do corrente ano. Quando a pólvora se recolheu para o paiol ordenou-me o Ilmo. Sr. Coronel Comandante da 2ª Brigada em seu ofício de 12 de setembro do mesmo ano que alugasse as carretas precisas para a condução da mesma, tendo eu alugado três para a que pertence ao 4º Batalhão de Fuzileiros, e outros três para a do destacamento d'Artilharia, 2º Batalhão de Fuzileiros e Fortificação; conforme as cópias dos documentos, que existem na cópia da folha nº 4.

Obra do Forte que se está construindo no Cerro

Até o dia 3 de julho não houve de faxina por causa do mau tempo, e do dia (em que tomou conta o Ilmo. Sr. Coronel Vicente Paula de Oliveira Vilas Boas) até o dia 24 também não houve em consequência das praças dos batalhões desta brigada terem que se aprontarem para a inspeção e do dia 24 de julho até o dia 21 de agosto empreguei 15 praças em endireitar parte do parapeito, que tinha desmoronado, em consequência de não estar revestido, e não continuei a mandar trabalhar nesta obra, em consequência de ter recebido ordem do Ilmo. Sr. Coronel Comandante da 2ª Brigada datada de 20 de agosto para que não continuasse naquele serviço, atendendo a falta de meios, conforme cópia nº 7.

Hospital

No dia 21 de agosto principiei a mandar assoalhar o Hospital, e a mandar pôr [cortas] de dentro nas janelas, e também de combinação com o Ilmo. Sr. Coronel Comandante da 2ª Brigada demos uma pequena gratificação às praças empregadas nesta obra conforme se vê nas férias juntas às folhas nº 1, 2, 3, 4, 5 e 6 e em 14 de setembro do corrente ano cópia nº8 recebi ordem do Ilmo. Sr. Coronel para que mandasse fazer alguns aumentos no Hospital, conforme o que o Exmo. Sr. General Comandante das Armas ordenou quando visitou esta fronteira, e ajustei um pedreiro para dirigir a obra, e mandei vir ao cerro, 14 carradas de pedra de que paguei a mil réis por cada uma, importando em 14\$000 réis e tenciono comprar alguns tijolos, e no fim da dita obra apresentarei a conta de toda a despesa com os competentes documentos, que julgo não será muito grande, sendo também de urgente necessidade fazer uma nova parede principal por causa da chuva e

vento não provando bem neste lugar as obras de adobe pela pouca aderência, que as terras tem, e tenciono fazer mais uma meia água no fundo do dito Hospital, aproveitando a nova parede.

Objetos pertencentes às obras militares

Recebi um ofício do Ilmo. Exmo. Sr. Presidente datado de 06 de agosto de 1847 ordenando-me que todas as vezes que desta Vila seguissem canhoneiros para a Capital da Província, eu remetesse a ferramenta estragada e requisitasse a que fosse precisasse para os trabalhos da Fortificação, ao que dei imediatamente cumprimento, remetendo pela canhoneira Capivari peças de ferramenta constantes da relação cópia nº 9, de que me passou recibo. Sezefredo José de Oliveira Salgado piloto da mesma canhoneira, e requisitei os objetos constantes do pedido nº 10. Tenho recebido da capitania do Porto da Cidade do Rio Grande o seguinte carvão de pedra, dez sacos com 40 arrobas pela canhoneira Jaguarão e pela canhoneira São Gonçalo oito barricas com 54 @, perfazendo tudo noventa e quatro arrobas sendo de muito má qualidade, e de que passei os competentes recibos, e deste carvão tenho dado por ordem do Ilmo. Sr. Coronel Comandante da 2ª Brigada quatro barricas, aos batalhões desta Brigada sendo uma ao 2º, duas ao 4º, e uma ao quinto, conforme os pedidos, que existem em meu poder assinados pelos respectivos Senhores Comandantes, e rubricados pelo dito Ilmo. Sr. Coronel, o qual também me ordenou que desse dúzia e meia de taboas de forro, e meia dúzia de assoalho ao 2º Batalhão de Fuzileiros, o que cumpri logo e tenho em meu poder o pedido e recibo assinado pelo respectivo senhor comandante, e rubricado pelo dito Ilmo. Sr. Coronel.

Dos objetos que emprestei para a obra do quartel do 2º Batalhão extraviaram-se cinco enxadas, e quatro baldes, de que tenho em meu poder uma declaração do respectivo Sr. Comandante, tendo recebido parte da ferramenta arruinada.

Casas para guarda do porto e ferraria

Tive ordem do Ilmo. Sr. Coronel Comandante da 2ª Brigada para mandar fazer uma casa para a guarda do Porto, ao que dei cumprimento, e mandei fazer uma barraca coberta de palha, e com paredes de pau-a-pique com trinta palmos de frente e vinte de fundo e gastei somente quatro couros em atar a palha da cobertura, quanto à madeira, pedi à seis praças e um cabo, mandei-a cortar e conduzir em um lanchão que também requisitei, também mandei a ferraria para próximo da dita casa da guarda, e mandei construir uma

barraca com 15 palmos de frente sobre 12 de fundo, e gastei dois couros em atar a palha da cobertura, mandando-lhe pôr uma porta e janela, no que gastei duas taboas de ferro.

Despesa que tenho feito com as obras a meu cargo

No mapa junto nº 2 se verá a despesa, que tenho feito com as obras a meu cargo em o trimestre findo. Recebi um Ofício do Ilmo. Sr. Coronel cópia nº 11 de 10 de setembro, ordenando-me que comprasse uma lanterna para a prisão militar ao que dei cumprimento, comprando uma por 1600 documento nº 4 da folha nº4. A despesa da casa para depósito de pólvora acha-se incluída, com os competentes documentos na folha nº 1. Gastei com a condução da pólvora para o paiol 7.680 réis em seis carretas. Documentos nº 3 e 4 da Folha nº 4 paguei o carroto de quatorze carradas de pedra para a obra do Hospital documento nº 5 da folha nº 4. O Ilmo. Sr. Coronel me ordenou que desse a todas as praças empregadas na faxina uma pequena gratificação conforme se vê nas férias, que se acham junto às folhas, tendo gasto em o trimestre passado a quantia de 1.321\$600 réis conforme se vê no mapa nº 2, e os documentos em duplicata entreguei-os ao coletor das Rendas Gerais desta Vila a quem passei os competentes recibos e tudo rubricado pelo Ilmo. Sr. Coronel Comandante da 2ª Brigada, nas conformidade das ordens a respeito.

Empregados nas obras militar

Em lugar de estar na faxina todas as semanas, um oficial o Ilmo Sr. Coronel ordenou que este ficasse efetivamente às minhas ordens, e nomeou o Alferes do quarto Batalhão de Fuzileiros Antero José Calisto, o qual se me apresentou em 20 de julho e tem desempenhado com zelo, e assiduidade o que lhe tenho encarregado. Também existem efetivamente às minhas ordens dois inferiores do 4º Batalhão e um cabo do 2º que também serve de inferior, não tendo para a faxina diariamente senão as praças constantes do mapa nº 3.

Vila de Jaguarão, 1º de outubro de 1847.

João Pedro de Gusmão Vasconcelos Mariz

1º Tenente de Engenheiros Encarregado das Obras Militares desta Vila”

Ferramentas Estragadas

“[258p]

N. 9

Cópia nº 9. Recebi do Dr. João Pedro de Gusmão Vasconcellos Mariz 1º Tenente de Engenheiros Encarregado das Obras Militares da Vila de Jaguarão os objetos seguintes:

- 67 Pás
- 27 Enxadas
- 2 Picaretas
- 9 lavancas
- 4 Machados
- 3 Machadinhos
- 2 Compassos
- 1 Enxó
- 2 Colheres de pedreiros
- 1 Trincha
- 2 Formões
- 7 Verrumas

Achando-se toda essa ferramenta e por ser verdade, passei o presente que assinei. Vila de Jaguarão, 9 de setembro de 1847. = Sezefredo José de Oliveira Salgado, Piloto da Canhoeira Capivari.

Está conforme.

Mariz

1º Tenente de Engenheiros”

OBRAS PÚBLICAS 1848

FOLHA DE DESPESAS

“[311a]

Folha da despesa feita pelo meu antecessor com as obras militares desta Vila, desde 20 de março ao último d’abril do corrente ano.

Obras do Hospital

Calçamento do pátio do mesmo, diversos concertos e com pra da ferramenta indispensável.

1	Couro	2\$560	
	Papel, penas, tintas e óleo	7\$830	
	Ferragens	5\$160	
1	Linha de pedreiro	\$800	
1	Serrote	2\$000	
1	Moldura com ferros	3\$200	
2	Martelos de pedreiro	1\$680	
		<u>23\$230</u>	

(...)³

Obras do Hospital

Continuação do calçamento do mesmo até sua conclusão 52 caixilhos para janelas, pintura e compostura dos mesmos e compra da ferramenta indispensável.

400	Vidros postos em 40 caixilhos	96\$000	
36	Ditos postos e 12 ditos menores	28\$800	
	Ferragens	24\$280	
	Tintas	20\$880	
		<u>169\$960</u>	134\$310

³ Lista dos vencimentos dos operários foi suprimida.

		Transporte
Do despendido pelo meu antecessor		134\$310
Idem durante o meu tempo		169\$960
2	Taboas de assoalho de pinho	5\$120
4	Ditas de cedro	12\$800
1	Formão	\$320
1	Goiva	\$320
		<hr/>
		188\$520
Diversos Consertos		
1	Couro	1\$920
30	Mourões e varas	3\$200
	Ferragens	2\$840
		<hr/>
		7\$960

(...)⁴

Vila de Jaguarão, 1º de julho de 1948.
 Luís José Pereira de Carvalho
 Tenente Encarregado das obras militares

⁴ Lista dos vencimentos dos operários foi suprimida.